

Show de Truman: Brasília cenográfica

BETO SALES

Secretário adjunto de Cultura do DF

Cravada pelo sonho e obs-
tinação de JK no cerne do
quadrilátero demarcado
64 anos antes pela Mis-
são Cruls no cerrado brasileiro,
Brasília se realizou como monu-
mento da arquitetura moderna
quando a arquitetura moderna
encontrava-se na linha de tiro
dos pensadores de esquerda
profissionais. A lógica da crítica
era redutora da sofisticação do
debate: cidades planejadas se-
riam cerceadoras dos processos
de troca social inerentes à com-
plexificação da cena urbana. Só.

O projeto da nova capital da
República se desenvolveu si-
multaneamente ao surgimento
de um Brasil desonerado do
fardo do fracasso, na cauda lu-
xosa da conquista da Copa de
1958. A terra prometida cerra-
tense atraiu levas de brasileiros
que colaram suas utopias pes-
soais à utopia nacional. Brasília
se ergueu como uma espécie de
terceiro tempo de um imaginá-
rio Brasil e Uruguai, em que o
Gighia desceria o túnel do Ma-
racanã empurrado pelo mesmo
sentimento de luto que uma
página torta da história cismou
de punir uma nação com um
grito em hiato na garganta.

O "x" de Lucio Costa se revela-
va incógnita de uma equação que
o Brasil resolveu pela fórmula

da ousadia, a perceber a estra-
nha sensação de que era possí-
vel realizar um projeto nacional
daquele porte, a mais impor-
tante aventura épica de nossa
história. E mais exótico: dar
certo. O risco genialmente sim-
ples sobre o qual o inventor de
Brasília descreveu sua idéia de
cidade produziu o efeito de cai-
xa de Pandora às avessas, liber-
tando imensos contingentes de
brasileiros do jugo da imposi-
ção cultural de um país litorâ-
neo. A cidade imaginada por
Lucio e paginada por Niemeyer
foi saudavelmente interferida
pela intensificação das diferen-
ças culturais e tensões sociais, e
se viu desmentindo o concei-
to-estigma de cidade-simulacro,
em que a participação política
é desconstruída pela idéia de
um ambiente urbano compor-
tado, cenográfico.

Ao chamar para si as contra-
dições de utopias individuais,
Brasília abraça o conflito entre a
cidade semântica e a cidade
idealizada. O cerne do embate
guarda o movimento pendular
entre a expansão de fronteira
decorrente das trocas sociais e a
inércia que a força voltar à segu-
rança do conhecido. Lendo, no
entanto, com atenção às sutile-
zas, o memorial descritivo de
Lucio Costa, vemos revelar-se

uma cidade em que o humano
encontra caminho desimpedi-
do em sua rota de instalação no
âmago do monumental.

A dinâmica de inter-relação
entre as escalas do projeto
abre-se para as novas experi-
ências do devir histórico. Nada,
porém, que se preste a álibi
para os atos de violência que
desfiguram a alma do risco
inusitado de Lucio. Muito me-
nos à submissão a que nos en-
tregamos idiotamente ao mol-
darmos a cidade pela imposi-
ção da cultura do consumo ou
pela rendição ao automóvel,
este muito mais nocivo que
qualquer ruído inesperado pro-
duzido pela interação social.

O Plano Piloto fermenta o
conflito de deter 80% dos em-
pregos formais do DF, reunin-
do somente 18% de sua popu-
lação. A troca social se impõe
inevitavelmente, a esculpir o
ambiente urbano pela cir-
cunscrição de cheiros, jeitos,
alegrias, tristezas, sotaques,
efusões, impulsos, fugas, neu-
roses furtivas tão ao jeito das
vidas das pessoas. Já não ca-
be, portanto, esperar que as
janelas das superquadras se
prestem a paspatur de um ce-
nário previsível, gravura as-
séptica a abrandar maus hu-
mores dos que não desejam

dividir Brasília com seu desti-
no inexorável.

Não vivemos mais num simu-
lacro de cidade, em que, segun-
do nos lembra a geógrafa Rosa
Moura, "o crescente poder polí-
tico e social das simulações do
real se impõe como substituto
lógico e comportamental para
eventos e condições materiais
reais". A cidade-cidadela fecha-
se em enclaves, e, segundo ainda
Rosa Moura, "torna-se inóspita
ao acolhimento do outro e cris-
taliza-se na cidadela, que é lugar
fortificado onde só se reconhece
o mesmo". É tal Seaheaven, em
Show de Truman, cidade-cená-
rio de um reality show em que o
protagonista, a par de toda a se-
gurança de um enredo preesta-
belecido, decide ganhar o mun-
do do imprevisível.

Ainda que as ações de afir-
mação de um Distrito Federal
sob o signo da lei, após anos e
anos de subversão das regras
mínimas de uso e ocupação do
solo pela farra da permissivida-
de, sejam impositivas, necessa-
riamente contínuas, e patrimô-
nio da administração Arruda,
aos que insistem em fantasiar a
Brasília-lego de seu egoísmo,
uma má notícia: a Brasília im-
perfeita veio para ficar. Rica e
intensamente humana. Linda
em seu jeito singular de ser.